

Projeto: Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória

Instituição responsável: Nota Musical Comunicação

www.quilombosdojequitinhonha.com.br

Entrevistados: Cesário de Souza e Teonília Moreira Vieira

Comunidade Brejo, município de Berilo, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais

Abril, 2014

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte, conforme segue, e que não seja para venda ou qualquer fim comercial:

FOGAÇA, Sérgio; SYDOW, Evanize. Naquele tempo a gente vivia em volta do pilão, socando milho, para se manter – Entrevista de Cesário de Souza e Teonília Moreira Vieira. *Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória*. São Paulo, Nota Musical Comunicação, 2017

Naquele tempo a gente vivia em volta do pilão, socando milho, para se manter

Dona Teonília e seu Cesário, da comunidade do Brejo, em Berilo, são do tempo do pilão para socar o milho, da procura do ouro mexendo na bateia, quando as águas ainda eram abundantes. Das festas de Santa Cruz, muito centrada nas tradições, só com bolo de folha e café, das rodas de viola ondem todos jogavam versos a noite toda. São do tempo das parteiras, que trabalhavam horas e horas para um rebento nascer, e dos raizeiros, sábios conhecedores da terra e seus ensinamentos naturais. As mulheres, pioneiras em tudo, principalmente na luta, levavam seus filhos na roça e, deixando-os na sombra de uma moita, juntavam-se a seus maridos para o trabalho pesado da terra. Histórias de um tempo passado na memória dessa gente valente.

Vocês são nascidos aqui na comunidade do Brejo?

Sim, sou nascida na comunidade do Brejo.

Ela nasceu aqui, mas eu nasci no Córrego Grande, depois é que vim para cá.

E os pais de vocês?

Meu pai eu nem conheci. Mas minha mãe morreu faz uns cinco anos ou mais, em Guaíba. E eu tenho um irmão que até hoje está em Guaíba, levou ela para lá.

E os pais da senhora, são daqui também?

Meu pai não, ele era de Córrego Grande, mas ele casou e veio para cá também.

E os avós, vocês conheceram?

Avós não, nenhum.

E o senhor?

Eu conheci, quando era menino, conheci meu avô e avó.

Quais histórias eles contavam para você, quando era pequeno?

Meu avô era um cara muito bom, ele contava muitas histórias.

Vocês lembram deles contarem histórias sobre ex-escravos?

Não. Mas isso aí era para ele ter contado porque ele vivia nessa luta. Mas eu não me lembro. Ele contou, mas eu não lembro.

E na família da senhora, tinha algum escravo?

O pessoal todo passava trabalhando para se manter, né. O finado meu pai mesmo, a gente passava era necessidade.

O pai dela socava o café no pilão para tomar. Hoje você não vê um pilão batendo. Naquele tempo vivia em volta do pilão socando milho para se manter.

O que fazia no pilão?

Uai, socando para tirar o fubá, e tinha peneira. Socava o milho e peneirava para fazer uma comida. Hoje acabou, você não vê pilão batendo em canto nenhum. Eu tenho um pilão aí, mas está parado. Naquele tempo, as mulheres levantavam cedo, entre 4 e 5 horas da manhã já se escutava pilão batendo para todo lado, “tan tan tan tan, tan tan tan tan”. Hoje não se vê mais pilão batendo. É, já foi difícil, hoje está bom. Hoje o povo já pode agradecer a Deus porque melhorou. Naquela época não era brinquedo.

O senhor trabalhava em que?

Eu trabalhava na lavoura igual aqui, fazia uma rocinha.

Feijão, arroz, naquela época dava. Hoje está dando pouco.

Mandioca. Subindo aquele rio até hoje eu mostro onde eu trabalhava com a mandioca. Tirava a mandioca, ralava, trazia no bornal e colocava no sol para fazer farinha para comer.

A senhora também trabalhava?

Trabalhava, de fora a fora. Levava todos meus meninos para a roça, ficavam tudo debaixo das moitas, e eu trabalhando.

Eu sozinho não aguentava, ela levava os meninos para lá, colocava debaixo da moita e agarrava na enxada mais eu.

Naquela época a gente trabalhava demais.

E vocês cultivavam o quê?

Era milho, mandioca. Tinha aquele engenho que torcia à mão. Colocava a cana, fica um de cá e outro de lá. Eu mesmo já fiz, coloquei ele para rodar.

Com quantos anos vocês começaram a trabalhar?

Meninos de dez anos para frente os pais já estavam com eles na roça.

Eu lembro que uma vez estava com a enxada, era menino pequeno, aí minha mãe veio dar a boia. Naquele tempo, menino plantava batata. Mas eu disse “a senhora não vai falar comigo por quê?”. Porque no dia de São João tinha aquela bombinha estopim. E nós vendíamos batata para comprar bomba para fazer farra na folia, no dia de São João. E hoje qual é o menino que está pegando numa arroba de batata para plantar? Eu era um pequeno assim e ela chegava e tomava a enxada da minha mão, e levava eu para trazer uma comida. “Oh mãe, deixa a enxada aqui”. E ela, “não, você não fica aí não”. Tomava a enxada de mim para eu não comprar mais bomba.

A senhora começou menina também?

Sim, comecei menina. Meu pai levava todo mundo para a roça. As meninas tudo pequenininha para a roça, para ensinar a trabalhar.

Aqui na comunidade do Brejo?

Isso, aqui na comunidade do Brejo. Ele morava ali do outro lado.

O dia de São João como vocês comemoravam?

Naquele tempo fazia, mas hoje acabou, você não vê ninguém fazendo um bolo de folha para comer. Naquele tempo fazia um bolo de folha, de mandioca, fubá. E hoje a gente não vê mais o bolo de folha, acabou tudo.

De quando vocês eram pequenos, que festas mais vocês têm lembrança que aconteciam aqui na comunidade?

Naquele tempo os meninos ficavam se divertindo e soltando essas bombas.

Mas fazia brincadeira sim, nas casas de São João.

Fazia, mas os meninos não estavam sabendo de nada porque só estavam soltando bomba.

Tinha festa, só que não tinha esse negócio de baile como hoje. Era O Nove, Polistra, Roda que o povo brincava bastante, os mais velhos.

Hoje você não vê pegarem numa viola. Eu também fui bom na viola, mas hoje eu não faço nada.

A senhora dançava?

Dançava, dançava Roda, O Nove. Polistra não, Polistra é só os homens que brincavam.

As mulheres faziam uma roda no terreiro, que dava um divertimento bom. Uma atirava um verso, outra atirava outro, depois outra respondia. Bonito quando uma tocava um verso e a outra já adivinhava outro verso que ia dar certo.

Os pais de vocês participavam dessas festas.

Participavam. Naquele tempo, vou dizer, hoje vocês estão vendo o pessoal tomar cerveja, eu estou conhecendo cerveja é hoje. O povo vivia bebendo é a cachaça. Hoje você chega nos lugares e só vê cerveja, e virou uma maldição, quanto é que está custando uma cerveja hoje? Até pinga hoje está difícil para beber.

E a festa de Santa Cruz?

Eu vou contar, ela foi boa. Mas deu uma diferença, e manda eu falar qual foi a diferença, manda eu falar?

E qual foi a diferença?

A diferença é que eu nunca vi um padre celebrar missa no dia de Santa Cruz. O padre de Berilo esteve aí, estava lotado de gente, e ele explicou muita coisa e deu conselho ao povo para acompanhar a comunidade, e fazer o culto. Foi uma coisa boa, explicou ao povo a palavra que era certa. E o padre mudou.

Quando que acontece a festa de Santa Cruz?

É dia 3 de maio, mas ele mudou. O dia da Santa Cruz é dia 3 de maio, e ele mudou para 3 de abril. Naquele tempo existia a reza porque ajudava. Hoje eles não estão fazendo reza, estão fazendo é festa. Sabe porque ele mudou? Um dia o povo deu de ir embora, ficava pouca gente aqui. Aí mudou ela para cá, porque aí já tem bastante gente para fazer a festa.

E como acontece a festa? Como é celebrada, o que vocês dançam, o que vocês comem, o que vocês rezam?

Para rezar bem, é rezar 100 vezes. Olha, esse menino (Alessandro) foi que rezou lá em cima, ele pode contar a festa de Santa Cruz, ele pode contar melhor que eu. Ele que fez a reza lá.

De primeiro, quando tinha a festa de Santa Cruz, rezava a festa lá. No tempo dos velhos, era com pinguinho de café e aqueles bolinhos de folha, depois dava uma garrafa de pinga para o povo. E hoje não, se não for uma festona, não serve.

Tem que dar comida para o povo.

É vinho, guaraná, quitanda.

E ficou bom, não ficou ruim não. A gente não aguenta mais, mas para os meninos moços ficou bom.

Mas na época dos mais velhos como era, como vocês faziam a festa.

Não tinha nada não, era só a reza da Santa Cruz e cafezinho, além de bolo de folha.

Mas na festa dos mais velhos vocês dançavam também, eles dançavam?

Tinha vez que dançava, mas tinha vez que só rezava e ia embora.

E muita gente participava antigamente?

Sim, tinha bastante gente, só não fazia a festa igual agora. Mas o povo juntava, gostava da Santa Cruz.

E o que eles rezavam antigamente?

A mesma reza de agora, reza 100 vezes. Daí você dá um balde com milho para quem está com a ideia boa, para não passar de 100 vezes. E aquele bago de milho, para quem trabalhava, pegava três bagos de milho que aquilo era bom para plantar no meio da roça, se pedisse uma riqueza.

E a cachaça que vocês tomavam, era feita aqui mesmo?

Era, mas agora está acabando. Eu mesmo já tirei cana daqui para levar lá para cima. Bebia cachaça era aqui mesmo, dos engenhos que movia. Mas até os engenhos de fazer cana já acabaram. E agora quanto é que está custando um litro de pinga?

A religião de vocês aqui sempre foi católica?

Foi, o pessoal sempre acompanhou essa religião.

E desde o tempo dos seus avós, eles eram católicos?

Sim, eram tudo católico. Os crentes aqui que começou foi de uma época para cá.

Agora aqui os crentes ninguém pode falar mal porque eles acompanharam certinho, igual o católico mesmo. Mas foi de uns tempos para cá que começou.

Tem muita benzedeira aqui?

Benzedeira acabou. Acabou porque morreu e diferenciou, e não estão mexendo mais com isso. O coitado que está numa pior aqui tem que ir para o doutor mesmo.

Seu Cesário, gostaríamos de saber o que o raizeiro fazia?

O raizeiro acabou, mas ele cortava sua raiz sossegado para o povo, e naquele tempo tinha vez que dava certo. Não está dando certo hoje, mas eu já vi raizeiro dar remédio para um coitado e ele aprumar. Hoje não apruma porque não tem.

Acabou raizeiro.

Trabalhavam na base da raiz?

Isso.

Raiz de quê, por exemplo?

Eles conheciam raiz aí que dava a um coitado, fazia a garrafada e ele melhorava, mas hoje acabou. Acabou não, porque muitas pessoas aqui do mato conhecem uma raiz para cortar uma febre, uma gripe.

Mas só teve um raizeiro ou vários?

Ah, era para todo lado, raizeiro que tratava do povo.

Mas raiz de quê, por exemplo?

A raiz certa, que eles cortavam, eu não sei. Eles arrancavam um saco de raiz, que ninguém sabe o que era, só eles sabiam.

Mas quando vocês, ou um filho, ficavam doentes, vocês iam até eles?

Ia. Eu falo para a senhora que eu já fui. Eu já fui num raizeiro para pegar remédio para essa mulher. Eles passavam remédio e davam para ela tomar. Até hoje ela anda sem problema.

O que a senhora sentia que o raizeiro deu remédio e a senhora melhorou?

Naquela época ninguém nem sabe o que era não. A gente foi lá e melhorou, mas não sabemos o que era. Agora hoje qualquer coisinha vai para o médico.

E o médico dá remédio como o raizeiro, e o remédio que te acertar, Deus é que ajude que ele acerte. Não é porque está dando remédio é que vai aprumar. Quando dá certo é que melhora.

O raizeiro era melhor?

Não. O raizeiro dava o remédio, mas ninguém pode contar que era melhor. Porque às vezes o doutor dá um remédio que dá certo com a doença. É a mesma coisa do doutor e o raizeiro, se dá um remédio que dá certo, pronto.

E tinha parteira aqui?

Tinha. Hoje é que não estamos vendo parteira por aqui. Mas uma mulher estava para ganhar uma criança, e eu mesmo já corri atrás de parteira para vir aqui para casa, e ficava dois, três dias mais eu aí, e quando a mulher aprumava é que ela ia embora.

Mas primeiro elas tinham que fazer curso para depois parir as crianças. Mas acabou tudo.

Eu conheci parteira entendida. Mexia com a mulher e a criança. Agora acabou.

Quando a mulher está barriguda já vai para Berilo fazer o pré-natal.

Há quanto tempo não tem mais parteira aqui?

Faz tempo. A madrinha Agostinha, que foi a derradeira, mas fazia tempo que ela não “pegava” criança. (para seu Cesária).

Agora tem que levar de carro para o doutor.

Mas vocês achavam melhor antes com as parteiras?

Não. Mas as parteiras que passaram aqui em casa acabava bem. E tudo igual. Mas agora melhorou, e não vou falar quem é melhor, ou se é parteira que mexia com as mulheres ou que é o doutor, diferenciou tudo, ninguém pode falar isso não.

Do que vocês sentem mais saudade da época de criança?

A diferença é que naquele tempo, se uma mãe gritava com um menino ali, ele atendia. Minha mãe me dava um potinho de água e atendia ela, trazia a água. Agora, hoje, manda um menino fazer isso aí, manda. Manda para ver se ele vai. Não vai. Minha lembrança é essa. Diferenciou tudo. Agora para explicar isso hoje, a cabeça não ajuda. Um menino hoje está sabendo mais coisa que um homem da minha idade. Tem uma coisa aí que menino fala, “o moço, você não sabe de nada”. Diferenciou.

E a senhora, o que a senhora sente falta mais?

Naquele tempo dos veios era mais maneiro, mas hoje não tem jeito não. Hoje o pessoal está estudando mais, e quando tem estudo, sabe conversar mais que a gente, né?

Mas tem uma coisa que vou contar para vocês. Naquele tempo eu já vi gente de meia idade pegar uma companheira. Olha, hoje os coitados dos velhos que estão sozinhos aí, e vai atrás de uma companheira para fazer café para ele lá, mas não quer não, quer menino novo. Acabou tudo, o que eu vi não vejo mais.

Vocês têm ideia de quantas famílias moram na comunidade do Brejo?

Aqui tem 30 e poucas famílias.

Os filhos de vocês estão aqui?

Sim, tem só um fora.

Não. Quantos tem aqui?

Tem Adão, André, Maria e Rosa, só Antônio que está fora.

Os que estão aqui fazem o quê, estudam, trabalham?

As crianças estão estudando.

E vocês vivem de quê?

Nós aposentamos. A gente pega o salário no fim do mês, não estamos fazendo nada não. Eu estou sentido porque caí numa pior, nem com meu salário eu como. Os meninos é que me ajudam.

Tem algum filho seu que trabalha na lavoura?

Os que estão aqui todos trabalham na lavoura.

E vocês pegaram ouro aqui?

Eu era um homem que não saía do córrego. Eu não tinha nada, eu quebrava o galho era lá no córrego. Essa mulher aqui me ajudou, batia a bateia, conseguiu um pedacinho de ouro. Trabalhava, hoje dá uma bateia para uma mulher?! Mulher não, essas meninas novas, agora acabou tudo.

E para plantar na terra hoje, continua boa?

Não, a terra hoje enfraqueceu um pouquinho. A chuva está pouca. Eu ainda estou fazendo uns quintais, mas a chuva está pouca. Mas se chover bem é a mesma coisa que antes. Mas esses meninos novos não querem mexer com isso não, e eles estão certos. Mas Deus é um só, se melhorar para eles, melhora para vocês também.